

**IDENTIDADE NACIONAL E NECROPOLITICA  
EM “TENDA DOS MILAGRES”**

*Denise Oliveira de Carvalho*<sup>49</sup> (UNEB)

[denise.olicarvalho@gmail.com.br](mailto:denise.olicarvalho@gmail.com.br)

*Gildeci de Oliveira Leite* (UNEB)

[gildeci.leite@gmail.com.br](mailto:gildeci.leite@gmail.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho tem como principal objetivo apontar aspectos de identidade nacional e necropolítica presentes na obra “Tenda dos Milagres”, de Jorge Amado. A obra em questão aborda aspectos da cultura e das vivências da cidade da Bahia, e discute, também, a genealogia desse povo, numa perspectiva positiva em relação à negromestiçagem. O personagem principal, Pedro Archanjo, é construído como o porta-voz do povo negro da Bahia e tido como símbolo da luta contra o preconceito racial e intolerância religiosa. Após anos de muito estudo e luta, Archanjo consegue finalmente fazer com que as teorias racistas do catedrático Nilo Argolo de Araújo caiam por terra e prova que a Bahia é, de fato, ocupada por um povo negromestiço.

**Palavras-chave:**

Identidade. Negromestiçagem. “Tenda dos Milagres”.

**ABSTRACT**

The main objective of this paper is to point out aspects of national identity and necropolitics present in the work “Tent of Miracles”, by Jorge Amado. The work in question deals with aspects of the culture and experiences of the city of Bahia, and also discusses the genealogy of these people, in a positive perspective in relation to blackness. The main character, Pedro Archanjo, is built as the spokesman of the black people of Bahia and is considered a symbol of the fight against racial prejudice and religious intolerance. After years of much study and struggle, Archanjo finally manages to make the racist theories of the professor Nilo Argolo de Araújo fall apart and proves that Bahia is, in fact, occupied by a black people.

**Keywords:**

Identity. Necropolitics. “Tent of Miracles”.

**1. Introdução**

O presente trabalho faz uma análise de alguns aspectos de identidade nacional e de necropolítica, tendo como corpus o romance “Tenda dos Milagres” (2008), do grapiúna Jorge Amado. Na obra em questão,

---

<sup>49</sup> Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da bolsa de Iniciação científica.

uma luta contra o preconceito racial e a intolerância religiosa é travada e a liderança desse embate fica a cargo do personagem principal, Pedro Archanjo.

Inicialmente é feita uma descrição do contexto da obra e da trajetória de luta do protagonista. Em seguida, é feita uma discussão acerca do conceito de identidade nacional, nessa discussão, são dadas como exemplo duas perspectivas de identidade nacional diferentes: a do catedrático Nilo Argolo e a do autodidata Pedro Archanjo Ojuobá. Dessa forma, fica representado o embate entre o professor de medicina legal e o bedel da faculdade, nosso herói. Na sequência, é apresentado o conceito de neropolítica e a forma como ela é apresentada e denunciada na obra em questão, sendo assim descrito o confronto entre Pedro Archanjo e o delegado auxiliar Pedrito Gordo, grande perseguidor dos terreiros de candomblé, escolas de capoeira e afoxés. Logo após, são apresentados os resultados.

Com o desenvolvimento da pesquisa, foi possível notar que Pedro Archanjo representa o ideal de negromestiçagem, pois preza pela junção das diversas culturas e etnias, pelo exercício livre dos cultos religiosos e o faz sem querer colocar sua cultura ou ideais num patamar superior aos outros.

## **2. Sobre o contexto da obra**

Em “Tenda dos Milagres” (2008), o cotidiano dos personagens é permeado de denúncias contra o racismo e a intolerância religiosa. Os terreiros de candomblé e as escolas de capoeira são alvos constantes da polícia, os babalorixás<sup>50</sup> e capoeiristas são incansavelmente perseguidos e sofrem duras repressões.

Dentre os personagens, um se destaca na luta contra o racismo, Pedro Archanjo, autodidata, homem sábio, filho de Exu e possuidor de um alto posto na casa de Xangô:

Uma versão circula entre o povo dos terreiros, corre nas ruas da cidade: teria sido o próprio orixá quem ordenara a Archanjo tudo ver, tudo saber, tudo escrever. Para isso fizera-o Ojuobá, os olhos de Xangô. (AMADO, 2008, p.90)

Archanjo utilizou-se da confiança de Xangô e das potencialidades herdadas de seu pai mítico, Exu, para lutar contra a opressão sofrida pelo

---

<sup>50</sup> Líder religioso do candomblé.

povo negromestiço da Bahia. O povo abraçou-o como líder e iniciara-se a luta contra a perseguição dos terreiros por parte do delegado Pedrito Gordo e o embate teórico com o catedrático Dr. Nilo Argolo de Araújo, racista convicto e defensor da segregação racial.

### 3. *Sobre Pedro Archanjo Ojuobá e sua luta*

Pedro Archanjo é o protagonista da obra, um negro autodidata e grande estudioso da cultura popular da Bahia. Na narrativa, o mesmo se encontra envolvido em dois embates emblemáticos: o embate teórico com Nilo Argolo e a luta contra o delegado auxiliar Pedrito Gordo.

Archanjo ocupava a função de bedel na Faculdade de Medicina da Bahia e, durante esse período, tomou conhecimento das teorias que falavam sobre o grupo étnico negro e a miscigenação. Um dos trabalhos que ele teve contato era intitulado *A degenerescência psíquica e mental dos povos mestiços – o exemplo da Bahia*, escrito pelo catedrático de Medicina Legal, Dr. Nilo Argolo de Araújo, e trazia algumas conclusões do referido médico:

‘A degenerescência psíquica e mental dos povos mestiços- o exemplo da Bahia’. Meu Deus, onde fora o professor buscar afirmações assim tão categóricas? ‘Maior fator de nosso atraso, de nossa inferioridade, constituem os mestiços sub-raça incapaz.’ Quanto aos negros, na opinião do professor Argolo, não tinham ainda atingido a condição humana: ‘Em que parte do mundo puderam os negros constituir Estado com um mínimo de civilização?’, perguntara ele a seus colegas de congresso. (AMADO, 2008, p. 92)

É válido lembrar que, este, é uma representação ficcional do médico legista e notável eugenista Raimundo Nina Rodrigues. Para Nilo Argolo “(...) a desgraça do Brasil era aquela negralhada, a infame mestiçagem” (AMADO, 2008, p. 94). Ao se deparar com esse cenário de perseguições, Archanjo munuiu-se de conhecimento acadêmico para poder revidar às investidas de seus perseguidores. O interessante é que Pedro foi convocado a escrever em defesa do povo negro pela mãe de santo Majé Bassã, pois essa era a missão dele, ele era Ojuobá:

– Soube que tu disse que vai escrever um livro, mas sei que tu não estás fazendo, o teu fazer é só da boca para fora, tu se contenta com pensar. Tu passa a vida xeretando de um lado para outro, conversa aqui, conversa ali, toma nota de um tudo e para quê? Tu vai ser toda a vida contínuo de doutor? Só isso e nada mais? O emprego é para teu de-comer, para não passar necessidade. Mas não é para te bastar nem para te calar. Não é para isso que tu és Ojuobá.

Então Pedro Archanjo tomou da caneta e escreveu. (AMADO, 2008, p. 123-4)

Em paralelo ao confronto com o catedrático, Archanjo empenha-se na luta contra o delegado Pedrito Gordo, grande perseguidor dos terreiros de candomblé e capoeiristas. Este instalara o caos na cidade e declarou guerra ao povo do candomblé:

Na cidade, o delegado Pedrito Gordo soltara a malta do terror com carta branca: invadir terreiros, destruir pejis, surrar babalaôs e pais de santo, prender feitas e iaôs, ia-quequerês e ialorixás. “Vou limpar a Bahia dessa imundície!” Deu ordens estritas aos soldados da polícia, organizou a escolta de bandidos, partiu para a guerra santa. (AMADO, 2008, p. 207)

Pedrito Gordo pode ser associado a Pedro de Azevedo Gordilho, que foi delegado da cidade de Salvador e muito famoso por sua truculência e intensa perseguição ao povo de candomblé e capoeiristas.

Pedrito era fortemente influenciado por teorias científicas e racistas da época. Em sua estante de livros encontravam-se obras de Manuel Bernardo Calmon Du Pin e Almeida, João Batista de Sá Oliveira, Nina Rodrigues, entre outros. Essas teorias eram usadas por Pedrito para justificar e legitimar a violência imposta:

[...] ‘São os mestres que afirmam a periculosidade da negralhada, é a ciência que proclama guerra às suas práticas antissociais, não sou eu’. Num gesto de humildade completava: ‘Apenas trato de extirpar o mal pela raiz, evitando que ele se propague. No dia em que tivermos terminado com toda essa porcaria, o índice de criminalidade em Salvador vai diminuir enormemente e por fim podemos dizer que nossa terra é civilizada’. (AMADO, 2008, p. 210-11)

#### **4. *Perspectivas de identidade nacional***

Em “Tenda dos Milagres” (2008), os personagens Pedro Archanjo e Nilo Argolo apresentam, cada um, uma perspectiva de identidade nacional bem diferente da outra. Mas, antes vamos entender melhor no que constitui a identidade nacional:

A identidade nacional é uma criação moderna. Começa a ser construída no século XVIII e desenvolve-se plenamente no século XIX. [...]

A nacionalidade é, portanto, uma identidade. O processo de formação identitária consistiu, então, na determinação do patrimônio de cada nação e na difusão de seu culto. (FIORIN, 2009, p. 116)

A identidade nacional é, portanto, uma herança simbólica e material e tem como finalidade a obtenção de reconhecimento. Alguns aspec-

tos identitários são imaginários e/ou inventados. Para a construção dessa identidade, devem-se apresentar elementos simbólicos e materiais que representam uma nação e são fundamentais para a constituição da mesma como tal. Esses elementos são constituídos por uma língua, um folclore, uma história que estabeleça uma relação com os ancestrais, hino, bandeira, entre outras coisas.

Na construção da identidade nacional brasileira, o povo brasileiro foi apresentado como um grupo que carrega uma herança portuguesa, mas é, ao mesmo tempo, diferente do lusitano. Nesse sentido, a noção de unidade e alteridade são elementos essenciais a uma nação:

A nação é vista como uma comunidade de destino, acima das classes, acima das regiões, acima das raças. Para isso, é preciso adquirir uma consciência de unidade, a identidade, e, ao mesmo tempo, é necessário ter consciência da diferença em relação aos outros, a alteridade. (FIORIN, 2009, p. 117)

Nessa perspectiva de unidade e alteridade, José Luiz Fiorin (2009) apresenta-nos as concepções de cultura da triagem e cultura da mistura. A primeira possui um caráter descontínuo, restringe a circulação cultural e cria valores de absoluto, que são os da intensidade, são mais fechadas e tendem a concentrar os valores desejáveis e excluir os indesejáveis.

A formação da identidade nacional requer, portanto, uma busca na genealogia, nas diversas culturas e etnias que deram origem a um determinado povo. Nessa busca na genealogia para a formação da identidade nacional brasileira, dois grupos étnicos foram excluídos, pois a construção de um projeto de centralização nacional implicava também pensar naqueles que ficariam excluídos desse processo, ou seja, negros e indígenas, que correspondem aos valores indesejáveis condizentes à cultura da triagem, conforme o exposto acima. Essa é a postura adotada em relação à questão racial, conforme veremos a seguir:

As posições acerca desses dois grupos não eram, no entanto, idênticas. Com relação à população negra vigorava uma visão evolucionista, mas determinista no que se refere ao “potencial civilizatório dessa raça”: “os negros representam um exemplo de grupo incivilizável”, afirmava um artigo publicado em 1891; “As populações negras vivem no estado mais baixo de civilização humana”, ponderava um ensaio de 1884. (SCHWARCZ, 1993, p. 145)

Sendo assim, a identidade de um povo ou nação “é definida historicamente, não biologicamente” (HALL, 2006, p. 13). A partir daí é possível depreender que toda a história, a cultura e tradições religiosas devem ser consideradas, sem que haja julgamento de valor, pois nenhum

aspecto cultural deve ser superiorizado ou privilegiado em detrimento de outros.

Em Tenda dos Milagres (2008), acontece o contrário: a perspectiva de identidade nacional adotada por Nilo Argolo privilegia apenas as tradições culturais e religiosas da elite baiana. É possível perceber que a postura de Argolo concerne na cultura de triagem, visando à segregação de pessoas e culturas que não são compatíveis com a concepção dele, conforme explicitado no trecho de um diálogo entre ele e Pedro Archanjo:

– Não creio necessário chegar a tanto. Basta que se promulguem leis proibindo a miscigenação, regulando os casamentos: branco com branca, negro com negra e com mulata, e cadeia para quem não cumprir a lei. (AMADO, 2008, p. 136-7)

A cultura da mistura, por sua vez, é uma cultura do permitido, cria valores de universo, os de extensidade, além disso, são mais abertas e procuram a expansão e participação. A perspectiva de identidade nacional de Archanjo representa bem a cultura da mistura.

– Sou um mestiço, tenho do negro e do branco, sou branco e negro ao mesmo tempo. Nasci no candomblé, cresci com os orixás e ainda moço assumi um alto posto no terreiro. Sabe o que significa Ojuobá? Sou os olhos de Xangô, meu ilustre professor. Tenho um compromisso, uma responsabilidade. (AMADO, 2008, p. 245-6)

A característica predominante do protagonista da obra é, sem dúvidas, a alteridade positiva, que consiste no direito que todos têm de serem quem são sem sofrer qualquer tipo de discriminação (Cf. LEITE, 2007). Esse aspecto é visível em toda a obra e está explícito também no nome do personagem: Pedro Archanjo Ojuobá. Observe que o último nome, escrito em iorubá, significa que ele é os olhos do Rei Xangô. O segundo nome lembra o termo “arcanjo”, utilizado para fazer referência a alguns anjos da mitologia cristã e o nome Pedro, lembra um dos doze apóstolos de Cristo, considerado o primeiro papa da Igreja Católica. Desse modo, fica afirmado o pertencimento de Mestre Pedro tanto à cultura branca, quanto à negra, resultado de uma miscigenação sem exclusão, uma negromestiçagem (Cf. TEIXEIRA SOBRINHO, 2012).

Ainda na perspectiva da cultura de triagem, Nilo Argolo envia ao parlamento um corpo de leis, pautado em dois projetos principais: o primeiro fazia referência ao isolamento de negros e mestiços em locais já designados por Argolo. Ele sugeria ainda que o governo adquirisse propriedades na África que pudessem comportar toda a população negra e mestiça brasileira. O segundo projeto sugeria a criação de lei ou decreto

que proibisse casamento entre brancos e negros. Archanjo deu-se ao trabalho de ler o corpo de leis proposto pelo professor Argolo antes de respondê-lo a altura:

Pedro Archanjo levou a brochura, pequeno livro em cujas páginas o professor de medicina legal resumia e ordenava suas conhecidas idéias e teses sobre o problema de raças no Brasil. A superioridade da raça ariana. A inferioridade de todas as demais, sobretudo da negra, raça em estado primitivo, subumano. A mestiçagem, o perigo maior, o anátema lançado contra o Brasil, monstruoso atentado: a criação de uma sub-raça degenerada, incapaz, indolente, destinada ao crime. Todo o nosso atraso devia-se à mestiçagem. (AMADO, 2008, p. 248)

Nos *Apontamentos sobre a mestiçagem nas famílias baianas*, Pedro Archanjo fez um mapeamento da genealogia das famílias baianas e concluiu que na Bahia não havia família alguma sem mistura de sangue, inclusive a família do próprio Nilo Argolo:

Assentados em provas irrefutáveis lá estavam, do tronco aos ramos, brancos, negros e indígenas, colonos, escravos e libertos, guerreiros e letrados, padres e feiticeiros, aquela mistura nacional. Abrindo a grande lista, os Ávilas, os Argolos, os Araújo, os ascendentes do professor de medicina legal, o ariano puro, disposto a discriminar e a deportar negros e mestiços, criminosos natos. (AMADO, 2008, p. 252-3)

Archanjo trouxe à tona toda a verdade sobre as famílias baianas, todos puderam conhecer sua ascendência. Pedro provou, inclusive, ter parentesco com Argolo:

Por parente e primo Archanjo tratou o professor de medicina legal nas cento e oitenta páginas do livro. Meu primo para cá, meu parente para lá, meu ilustre consanguíneo. Parentes pelo lado de um tataravô comum: Bamboxê Oubitikô, cujo sangue corria nas veias do professor e nas do bedel. Provas em abundância: datas, nomes, certidões, cartas de amor, um desparrame. Esse Oubitikô encontrava-se ligado aos primeiros grandes candomblés da Bahia e, negro bonito, pusera-se numa Iaiá Ávila, nasceram mulatas de olhos verdes, caro primo. (AMADO, 2008, p. 253)

A derrota de Nilo Argolo foi um marco na trajetória de luta de Pedro Archanjo, pois foi possível mostrar a todos que a Bahia, assim como todo o Brasil, é uma mistura de etnias e culturas. Além disso, ficou claro que não deve haver sentimento de superioridade e inferioridade entre as diversas culturas, pois é justamente essa diversidade que faz do brasileiro um povo tão rico culturalmente.

## 5. Sobre Necropolítica

A Necropolítica tem como base a noção de Biopoder (poder regulamentador) e pode ser entendida como o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Achille Mbembe (2016), responsável por cunhar o termo em questão, questiona os limites da soberania quando os Estados decidem quem deve viver ou morrer, promovendo uma reflexão mais centrada na gestão da morte.

Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico- do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros. (MBEMBE, 2016, p. 128)

Tomando como base o último fragmento, podemos perceber que a necropolítica concentra-se não só na gestão da morte, mas também na divisão da espécie humana em grupos e subgrupos, acarretando a censura de alguns para com outros, resultando na hegemonia de alguns grupos de poder. Isso nos lembra a discussão sobre a existência de supostas raças humana. Sabemos que o racismo está profundamente enraizado nessa discussão, entretanto, o conceito de raça humana é uma criação meramente social, como veremos a seguir:

[...] a palavra raça não identifica nenhuma realidade biológica reconhecível no DNA de nossa espécie, e que portanto não há nada de inevitável ou genético nas identidades étnicas e culturais, tais como as conhecemos hoje em dia. Sobre isso, a ciência têm idéias bem claras. As raças, nós a inventamos e nós as levamos a sério por séculos, mas já sabemos o bastante para largar mão delas. Hoje em dia sabemos que somos todos parentes e todos diferentes, de acordo com o feliz slogan criado pelo geneticista francês André Longaney, e não é preciso ter feito estudos aprofundados para convencer-se disso. (BARBUJANI, 2007, p. 14)

Como pudemos ver no trecho, não existem indícios biológicos que comprovem a existência de raças humanas e, como fora exposto, o conceito de raças é uma criação social. Mas com que intuito fora criado? A ideia de raça foi criada para justificar a ideia de “desumanidade” de povos estrangeiros e a dominação dos mesmos. Desse modo, ficaria mais fácil legitimar a violência e opressão empregadas a alguns grupos étnicos e garantir a hegemonia de grupos majoritários de poder, conforme nos mostra Achille Mbembe:

[...] mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente

quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros- ou dominá-los. Referindo-se tanto a essa presença atemporal como ao caráter espectral do mundo da raça como um todo, Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte. (MBEMBE, 2016, p.128)

Como vimos, a concepção de raça é utilizada nas práticas políticas ocidentais e está enraizada em experiências que demoliram o princípio da alteridade. Devemos lembrar que unidade e alteridade são elementos constitutivos de toda nação, entretanto, a divisão da humanidade por raças foi um mecanismo de juntar os pertencentes aos grupos hegemônicos pelo princípio da unidade e excluir ou mesmo eliminar os que fogem a essa regra, ou seja, o outro, o diferente, o que corresponde à alteridade.

Mbembe (2016) mostrou-nos que essa política de raça está interligada com a política de morte, ou seja, a necropolítica. Nesse sentido, podemos refletir sobre o conjunto de teorias que chegou ao Brasil em meados do século XIX, hoje conhecidas como racismo científico, pautadas em estudos do campo da frenologia<sup>51</sup>, que supostamente provariam a inferioridade do povo negro e previam que o Brasil enquanto Estado-Nação estaria fadado ao fracasso, devido o fenômeno da miscigenação. Essas teorias raciais também produziam estudos retratando o negro como inferior ao branco e disseminavam ideologias que procuravam justificar o domínio europeu sobre outros povos.

Durante todo o percurso histórico da nossa sociedade, todas essas questões estiveram envolvidas em decisões políticas e algumas instituições, como a polícia, por exemplo, se encarregaram de difundir e legitimar essa postura soberana adotada pelo Estado.

Levando essa discussão para o contexto narrativo de “Tenda dos Milagres” (2008), podemos refletir sobre a perseguição do delegado auxiliar Pedrito Gordo aos afoxés, capoeiristas e terreiros de candomblé.

Saíram cedo, cada qual com seu cacete, pau de criar bicho, moderna lança daqueles beneméritos cruzados, e fizeram bom serviço. Nas três primeiras casas de santo que invadiram foi-lhes fácil a tarefa: axés pequenos, terreiros modestos, festas em começo. Baixaram o porrete, os gritos de dor de velhos e mulheres, música maviosa, animavam os guerreiros no prosseguimento da missão civilizadora. Quando já não tinham a quem espancar, divertiam-se na destruição dos atabaques, dos pejis das camarinhas. (AMADO, 2008, p. 211)

---

<sup>51</sup> Frenologia: teoria que estuda as faculdades mentais e traços de caráter a partir do formato do crânio e de suas depressões e/ou protuberâncias.

O delegado Pedrito Gordo, embebia-se de teorias racistas para justificar sua prática eugenista que visava fazer uma “limpeza étnica” na cidade de Salvador.

Por muitos anos prolongou-se a guerra santa, a cruzada civilizadora. Durante o império de Pedrito Gordo, dândi e delegado, bacharel com leituras e teorias, a violência foi cotidiana, sem apelo ou proteção. O dr. Pedrito prometera acabar com a feitiçaria, o samba, a negralhada. “Vou limpar a cidade da Bahia”. (AMADO, 2008, p. 213)

As escolas de capoeira foram obrigadas a fecharem as portas e capoeiristas eram perseguidos e mortos em emboscadas, um deles foi Manuel de Praxedes, amigo de Pedro Archanjo:

Dias depois, ao sair de casa no Beco das Baronesas, após o almoço, Manuel de Praxedes recebeu nas costas a carga inteira do revólver de Samuel Cobra Coral. Um tiro atrás do outro, seis ao todo. Caiu de bruços, nem disse ai. (AMADO, 2008, p. 213)

Por conta da truculência do delegado auxiliar, as manifestações da cultura afro-brasileira tiveram que manterem-se escondidas. A violência contra os capoeiristas era ainda maior que a empregada contra o povo do candomblé. Os capoeiristas eram perseguidos, cruelmente surrados e mortos por tiros e atropelamentos.

O samba de roda foi exilado para o fim do mundo, ruelas e casebres perdidos. As escolas de capoeira fecharam suas portas, quase todas. Budião andou uns tempos escondido, Valdeloír comeu da banda podre. Com os capoeiristas, a coisa fiava mais fino, os secretas não os enfrentavam de peito aberto, tinham medo. De longe e pelas costas, era mais seguro. De quando em vez o corpo de um capoeirista aparecia crivado de balas na madrugada, tiros de tocaia, obra da malta de facínoras. (AMADO, 2008, p. 236)

Ao lado de Pedro Archanjo, o babalorixá Procópio luta contra a perseguição aos terreiros de candomblé, pais e filhos de santo.

Entre as vítimas de atropelamentos e brutalidades, nesse período de fúria desatada, encontrava-se o pai de santo Procópio Xavier de Souza, babalorixá do Ilê Ogunjá, um dos grandes candomblés da Bahia. Enfrentou Pedrito e foi por ele perseguido e castigado sem tréguas. Constantemente preso, tinha nas costas as marcas de chicote de couro cru, lanhos de sangue. Nada o abateu, não se deixou derrotar. (AMADO, 2008, p. 236)

A derrota de Pedrito Gordo ocorreu no Ilê Ogunjá, terreiro de Procópio. Era dia de Oxóssi e Procópio precisou abrir o terreiro para saudar o orixá. Ele já havia sido avisado que se abrisse o terreiro uma vez sequer, o próprio delegado viria e acabaria com quem estivesse presente

“ele próprio avisara ao pai de santo: se bater será pela última vez” (AMADO, 2008 p. 238).

No terreiro, Procópio fazia sua dança. Nesse momento, Pedrito e seus comparsas, Zé Alma Grande, Samuel Cobra Coral e Zacarias da Gomeia chegaram para invadir o terreiro. Quando adentraram o recinto sagrado, os bandidos receberam ordens do delegado para pegarem Procópio, nesse instante, Archanjo reconhece Zé Alma Grande, Zé de Ogum, que freqüentava o terreiro de Majé Bassã antes de ser expulso pela mesma.

Contam que, nessa hora exata, Exu, de volta do horizonte, penetrou na sala. Ojuobá disse: Laroîê, Exu! Foi tudo muito rápido. Quando Zé Alma Grande deu mais um passo em direção a Oxóssi, encontrou pela frente a Pedro Archanjo. Pedro Archanjo Ojuobá ou o próprio Exu, conforme opinião de muitos. A voz se abriu imperativa no anátema terrível, na objurgatória fatal!

– *Ogum cape dā meji, dā pelu onibã!* (AMADO, 2008, p. 240)

No momento descrito acima, Zé Alma Grande encontrou-se manifiestado pelo seu orixá, Ogum. Assim, ao invés de avançar contra Archanjo e Procópio voltou-se contra os colegas, matou Samuel Cobra Coral, deixou desmaiado Zacarias da Gomeia e fez Pedrito Gordo correr vergonhosamente pela cidade:

Nas ruas apinhadas, todos viram o delegado auxiliar Pedrito Gordo, a fera da polícia, o sinistro chefe da malta de facínoras, o mata-mouros, o malvado sem alma, o terror do povo, em triste fuga perseguido por um orixá de candomblé, pelo guerreiro Ogum todo aceso em cobras. (AMADO, 2008, p. 241)

Após o ocorrido, Pedrito pediu demissão, outro delegado assumiu o cargo e as escolas de capoeira e os terreiros de candomblé puderam abrir suas portas. A alegria e o riso voltaram a tomar conta da cidade de Salvador.

## 6. *Considerações finais*

Com o desenvolvimento da pesquisa foi possível perceber que Pedro Archanjo tinha consciência de que a cultura do povo baiano/brasileiro é baseada na pluralidade e possui uma diversidade muito grande, resultante do processo de miscigenação.

Ao contrário de Nilo Argolo, a concepção de nação de Archanjo prezava a mistura, a harmonia e bom convívio das pessoas, independente da etnia, convicção religiosa ou classe social. Entretanto, a pers-

pectiva de miscigenação de Pedro consistia em um maior compromisso individual com a cultura negra:

Sou um mestiço, tenho do negro e do branco, sou branco e negro ao mesmo tempo. Nasci no candomblé, cresci com os orixás e ainda moço assumi um alto posto o terreiro. Sabe o que significa Ojuobá? Sou os olhos de Xangô, meu ilustre professor. Tenho um compromisso, uma responsabilidade. (AMADO, 2008, p. 245-6)

Na fala transcrita é possível perceber que, inicialmente, Archanjo coloca o negro e o branco no mesmo patamar, mas no período seguinte o foco é colocado na cultura negra que ele carrega consigo majoritariamente.

O empenho de Archanjo fez cair por terra a idéia de que existem raças distintas de seres humanos e provou que todos estes, independente da cor da pele ou do status social, pertencem à mesma espécie: a humana, tal como coloca o geneticista italiano Guido Barbujani (2007):

Compreender se dois indivíduos fazem parte da mesma espécie é simples e, se tivessem tentado, até os partidários do poligenismo teriam conseguido. Duas moscas são da mesma espécie se, cruzando, geram moscas capazes de se reproduzirem, ao passo que, o cavalo e o asno são espécies diferentes porque de seu cruzamento resulta uma descendência estéril, o burro, a mula e o bardoto. No que diz respeito ao homem, o experimento decisivo de se conferir se do casamento nascem filhos férteis nem precisa ser feito. (BARBUJANI, 2007, p. 20)

Além de afirmar que existe apenas uma espécie de seres humanos, Barbujani (2007) deixa bem explícita a alta probabilidade de que a humanidade tenha a sua origem enraizada no continente africano. Neste, teria surgido o primeiro grupo de humanos que, com o tempo, teria se dispersado e chegou a outros continentes, reproduzindo-se e povoando todo o globo terrestre.

Nessa perspectiva, e levando em consideração o que Pedro comprovou com a publicação de sua obra, seria correto afirmar que todos nós somos parentes em menor ou maior grau, ou, que pelo menos possuímos ancestrais em comum.

A luta travada por Mestre Pedro garantiu ao povo negro da Bahia o direito de poder exercer a sua crença, cultivar suas divindades, praticar suas danças e a capoeira. Com isso, a cultura negra, tipicamente baiana, foi devidamente representada, enaltecida e o povo não precisou mais esconder suas tradições, podendo andar de cabeça erguida pelas ruas da cidade de Salvador. E assim foi durante a vida de Pedro Archanjo Ojuobá e após a sua ida para o orun:

[...] os sons dos atabaques vão crescer e expandir fronteiras, territorializando sem destruir o outro, expandindo o nome de Archanjo, conforme os ideais de africanos pré-coloniais, preservando o nome após a morte, construindo um grande Ilê Ojuobá. (LEITE, 2006, p. 127)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBUJANI, Guido. *A invenção das raças: Existem mesmo raças humanas? Diversidade e Preconceito Racial*. Trad. de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2007.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. *Bahktiniana*, v. 1, n. 1, p. 115-26, São Paulo, 2009. Disponível em: file:///C:/Users/Mario/Downloads/3002-Texto%20do%20artigo-6719-1-10-20100617.pdf.

HALL, Stuart. A Identidade em Questão. In: \_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE, Gildecil de Oliveira. Ilê Ojuobá, casa de Pedro Archanjo. In: LEITE, Gildecil de Oliveira (Org.). *Vertentes Culturais da Literatura na Bahia*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 117-29

\_\_\_\_\_. Literatura e Mitologia afro-baiana: encantos e percalços. In: GODINHO, L.F.R.; SANTOS, J.S.S. (Org.). *Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade*. Amargosa, Bahia: CIAN, 2007. p. 95-100

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, n. 32, p. 123-51, dezembro, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/43520006/Necropol%C3%ADtica\\_livro\\_Achile\\_Mbembe](https://www.academia.edu/43520006/Necropol%C3%ADtica_livro_Achile_Mbembe).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TEIXEIRA SOBRINHO, Antonio Carlos Monteiro. Uma mestiçagem singular: A primazia negra em Tenda dos Milagres. In: FRAGA, M.; FONSECA, A.; HOISEL, E. (Org.). *Jorge Amado nos terreiros da ficção*. Itabuna: Casa de Palavras, 2012. p. 219-32.